



Réplica No. 6
ao Argumento da
Jornada Escola da IV Convenção Europeia, Veneza 2025

Sobre o dizer no passe
Antonia María Cabrera

Em sua réplica sobre a transmissão no passe, disse-nos Radu Turcanu que o único que permanece para o cartel, depois de escutar intercâmbios cruzados entre os passadores, o passante e os membros do Cartel, são sobras e precipitados, através dos quais tomamos nota de uma transmissão com sua lógica singular e rastreável na experiência do passe.

A primeira coisa que me sugeriu foi que se refere a pedaços, sobras de palavras, que se extraem dos ditos que o passante veio elaborando ao largo de toda sua análise. Palavras que necessariamente tem de extrair algumas para construir seu relato acerca do que ocorreu sob transferência, para assim hystorizar seu percurso analítico e encontrar o ponto a partir do qual se autoriza como analista.

Há aqui uma primeira separação, que como tal requer um trabalho prévio para separar-se do relato de sua história, e dos ditos que o sustenta, pois tal como disse C. Soler em Wunsch 16, página 60, *"ocorre isso na hystorização que alguém faz, não de sua vida, já hystorizada pela análise, e sim de sua análise."*

O cartel, por sua vez, se ocupará de acolher, escutar e construir esses ditos.

Por vezes, em algum testemunho de passe, resulta que há outra coisa mais além, algo que se deixa ouvir, que consegue passar. Algo que ressoa em quem escuta e que, como o chiste, toca e provoca o riso, perplexidades, surpresa, e outros afetos...

Algo que corre debaixo dos ditos, que se deixa escutar através deles, pois não se enuncia.

Isso que se deixa escutar e que ressoa é o dizer.

Um possível Um-dizer, por exemplo, de um testemunho de passe que, como uma frase única, sem ser enunciada, pode inferir-se e esclarecer-se de todos seus ditos.

Um-dizer, como o de Lacan em seu prefácio "*sou poema e não poeta e que se escreve*" que podemos ler como "*sou determinado pelo poema que eu sou, sem ser o autor, o artífice*".

O poema é um dizer que o determina, nos diz C. Soler em Wunsch 10, página 36, e que por sua vez implica uma concepção do inconsciente e de sua relação com os sujeitos. Em matéria de inconsciente, tudo passa pelo dizer.

O poema se serve do significante, o qual é tonto, ou seja, em si mesmo não tem sentido, para produzir assim sentido inédito.

E "o que se escreve", com isso C. Soler nos diz que na análise o que está escrito é uma pegada do que é dito.

Para terminar, farei uma pergunta a Pedro Pablo Arévalo acerca de sua réplica sobre "Testemunhos e testemunhos".

Ele se faz a pergunta se há falsos testemunhos em psicanálise, se poderia haver uma simulação tão boa que chegasse a enganar aos passadores e ao cartel do passe.

E a mim, vieram-me à cabeça os chamados 'passes fictícios, que, claro, não têm nada a ver com os "passes simulados" pelos quais se interessa Pedro Pablo.

Lacan fala em *Televisão* – página 509 dos *Outros Escritos* – sobre os passes fictícios. Diz assim a respeito: "*Felizes os casos nos quais os passes fictícios por formação inacabada deixam alguma esperança.*"

Anastasia Tzavidopoulou, em Ecos 8, se coloca a pergunta se um passe fictício seria um passe perdido.

E responde que, no fundo, não se trata de passes perdidos, nem para o cartel, nem para o CIG e, portanto, nem para a Escola. É um trabalho que se faz à sombra, porém que dá luz às elaborações que se seguem.

Portanto, é um trabalho que deixa esperança à medida em que a formação nunca termina.

Deixariam esperança esses passes simulados?

Tradução: Andréa Brunetto.